

# ENTRE OFENSAS E BRINCADEIRAS: OS SENTIDOS DA "ENCARNAÇÃO" ENTRE ESTUDANTES DE BELÉM DO PARÁ

BETWEEN OFFENSE AND PLAY: THE MEANINGS OF "ENCARNAÇÃO" AMONG STUDENTS OF BELÉM OF PARÁ

Alan Augusto Moraes Ribeiro  
Universidade de São Paulo

## RESUMO

Neste artigo apresento a análise de dez casos de ofensas verbais relatadas por estudantes de duas escolas da periferia de Belém do Pará. Por meio de etnografia e entrevistas, discuto o conteúdo ambivalente dos epítetos presentes em situações ofensivas, sugerindo a dificuldade de categorizar unilateralmente o sentido dos termos. Articulando autores clássicos da Antropologia com autores contemporâneos do denominado pós-colonialismo, procuro discutir o difícil trabalho de definição categórica dos termos pelo pesquisador diante da classificação fluida e mutável dos estudantes. Noções locais, como "encarnação" e "tirar sarro", são construídas pelos sujeitos para classificar ofensas, retirando desta categorização a noção de injúria racial propriamente dita, desestabilizando tal definição ao mesmo tempo em que sugerem um modo conflitivo de construir identidades étnico-raciais.

**Palavras-chave:** Escola; Ofensas; Identidades étnico-raciais.

## ABSTRACT

In this article I present the analysis of ten cases of verbal abuse reported by students from two schools of the periphery of Belém do Pará. Through interviews and ethnography, I discuss the ambivalent content of these epithets in offensive situations, suggesting the difficulty of categorizing the meaning of the terms unilaterally. Articulating the classic authors of Anthropology with contemporary authors of the so-called post-colonialism, I seek to discuss the difficult work of defining categorical terms by the researcher concerning fluid and changing classification of students. Local notions as "encarnação" and "tirar sarro" are built by the individuals to classify offenses, removing the notion of categorization of racial insult itself, destabilizing this definition, while that suggests a way to build conflictive ethnic-racial identities.

**Key-words:** Schools; Offenses; Ethnic-racial identities.

## Considerações iniciais: o insulto racial como um problema de pesquisa

Este artigo é um desdobramento da pesquisa de mestrado em Antropologia, realizada em 2009 e 2010, na Universidade Federal do Pará (UFPA), na qual analisei dez (10) casos de *ofensas*<sup>1</sup> verbais entre estudantes de duas escolas do bairro do Guamá, periferia da região metropolitana de Belém-Pará. Nesta pesquisa, analisei doze (12) entrevistas – nove (9) no “Zaca” e três (3) no “Madre” – concedidas por estudantes da Escola Estadual de Ensino Médio Alexandre Zacharias de Assumpção, denominado por estudantes, professores e moradores do bairro como “Zaca”, e da Escola de Ensino Infantil, Fundamental e Médio Madre Zarife Sales, identificada como “Madre” (escola católica e particular do bairro), com o objetivo de identificar a ocorrência de insultos verbais nas duas escolas. Do total de entrevistas, dez (10) foram realizadas com os estudantes “denunciantes” e apenas duas (2) com os estudantes “denunciados”<sup>2</sup>. Em torno destas entrevistas, me indaguei sobre as maneiras diversas pelas quais os “denunciantes” definiram e classificaram, por si mesmos, as situações e os termos verbais nelas ocorridos em contraposição à definição prévia de injúria racial que eu trazia no projeto de pesquisa, antes de iniciar a pesquisa de campo, baseando-me na definição de crime de racismo apontada pela lei nº. 9. 459/1997, reformulação da lei 7.716/1989, em razão da reivindicação histórica do ativismo negro (GUIMARÃES, 2000). Esta contraposição se apresentou de modo explícito quando os termos nativos “*encarnação*”, “*tirar sarro*” e “*tirar com a cara*”, apesar de sugerirem uma polissemia difícil de compreender, foram usados pelos sujeitos, de maneira similar, para denominar as situações

ofensivas<sup>3</sup> nas quais ocorreram as evocações dos insultos que apresento logo a seguir. Tomando como ponto de partida a definição de insulto racial que abarca dois elementos intimamente ligados, estas situações ofensivas estão, sobretudo, remetidas ao contexto em que elas ocorrem. O primeiro elemento diz respeito ao elemento ritualístico do insulto, um *insulto racial ritual*, por meio do qual “(...) ofensas são trocados de modo regulado, pondo em evidência o domínio verbal e o controle emocional dos participantes”. O segundo aspecto remete às relações de poder propriamente ditas, nas quais as ofensas verbais raciais seriam, basicamente, “(...) tentativas de legitimar uma hierarquia social baseada na ideia de raça”. (GUIMARÃES, 2002, p. 171). Ambos os aspectos são importantes para compreender o material sistematizado a partir das entrevistas.

No “Zaca”, tomei conhecimento das “encarnações” por meio do registro feito pelos estudantes entrevistados no B.O.I. (Boletim de Ocorrências Internas) da escola. No “Madre”, o acesso aos estudantes “ofendidos” decorreu do registro feito no questionário exploratório aplicado no início da pesquisa a 20% dos estudantes das duas escolas, pois o meu acesso ao “B.O.I.” do “Madre” não foi permitido. No quadro abaixo, destaco os vocábulos presentes nas situações ofensivas coletadas por mim através dos relatos dos estudantes entrevistados. Como *termos básicos das ofensas*, estes epítetos são aqueles que foram registrados oficialmente pelos estudantes “denunciantes”.

**Quadro 1:** síntese de termos ofensivos relatados pelos (as) estudantes.

<b>Escola de Ensino Infantil, Fundamental e Médio Madre Zarife Sales</b>			
<b>Ofendida (o)</b>	<b>Cor</b>	<b>Termos Ofensivos</b>	<b>Nº de ofensores (as)</b>
Mulher	“Negra”	“Negona lisa, ruim”	2 homens.
Mulher	“Morena”	“Bundudinha, mas pretinha”	1 homem e 1 mulher.
Homem	“Moreno claro”	“Viado fudido, bicha estivadora”	2 homens.
<b>Escola Estadual de Ensino Médio Gov. Alexandre Zacharias de Assumpção</b>			
<b>Ofendida (o)</b>	<b>Cor</b>	<b>Termos Ofensivos</b>	<b>Ofensores (as)</b>
Mulher	Branca	“Safadinha”	2 homens.
Mulher	Branca	“Surfistinha”	2 homens e 1 mulher.
Homem	Moreno	“Fabão feio”	3 homens.
Homem	Negro	“Macaco, urubu”	2 homens.
Mulher	Negra	“Cabelo de bucha de aço”	2 mulheres.
Homem	Moreno escuro	“Azulzão”	2 mulheres e 1 homem.
Mulher	Mulata	“Pretchoca chupona de pica”	2 mulheres e 2 homens.

**Fonte:** pesquisa de campo: Maio/Junho/Agosto/Setembro/Outubro/Novembro – 2009.

<sup>1</sup>Ofensas, insultos e ultrajes são palavras aqui usadas como sinônimos.

<sup>2</sup>No período da pesquisa, não tive autorização da direção do “Madre” para entrevistar os “denunciados”, bem como não consegui localizar no “Zaca” outros ofensores apontados pelos “denunciantes”.

<sup>3</sup> *Situação ofensiva* é meramente o contexto em que tento situar cada caso registrado, localizando possíveis causas, locais e envolvidos, no momento das trocas, tentando resgatar as circunstâncias que as cercaram a partir de um confronto das entrevistas de “ofensores” e “ofendidos”.

A partir destes termos básicos, estipulei a existência de três tipologias de ultrajes a partir do conteúdo que cada tipo carrega consigo dentro das situações ofensivas. Mesmo que, neste artigo, meus objetivos se concentrem nos aspectos raciais propriamente ditos, uma vez que esta discussão demanda *per se* um debate específico e profundo, agrupei os termos conforme três categorias, a saber, a) **raciais**; b) **homofóbicas**<sup>4</sup> e c) **misóginas**<sup>5</sup>. Estas três nomeações são as tipologias de ofensas que identifiquei nos ultrajes lançados pelos estudantes nas duas escolas. As três categorias, em alguns casos, ajudam a identificar que há uma mescla semântica no conteúdo dos insultos, embora possam ser claramente identificadas de modo particular quando ocorrem. Esta possibilidade de compreensão, ou seja, de que o racial se constrói na relação com as práticas misóginas e homofóbicas, orienta este artigo, ao passo que pretendo descrever o contexto em que se deu a ofensa, isto é, as situações ofensivas.

### 1. Injúria, ofensa ou sociabilidade jocosa: o que é a “encarnação”?

À definição prévia de insulto verbal racial acima lançada, tanto no campo do ritual, como no espaço das relações de poder, adicionei a distinção feita por Lévi-Strauss (1976, p.48) entre ritual e jogo, no qual o primeiro é *disjuntivo*, em que jogadores individuais ou equipes são *desiguais*, separados em ganhadores e perdedores. Já o segundo é *conjuntivo*, uma vez que institui uma relação orgânica entre dois grupos que eram dissociados, fazendo-os interagir por meio dos jogos. Ambas as definições sugerem que os termos ofensivos, entre os estudantes que vi de perto, estão mais para o campo da ambivalência do que para o determinante, lidos como duplicidade ao invés da ambiguidade.

Em outras palavras, um ultraje verbal carrega consigo um conteúdo autoritário que está fundido em uma cadeia de significação que hibridiza e desloca seus signos de dominação. Mesmo assim, ele não se esvazia de uma simbologia de pretensa hierarquização que lhe dá o poder de ser danoso, estigmatizante e humilhantes (BHABHA, 2007). Em outras palavras, uma vez que a ideia de ambiguidade nos leva para o indefinido, duvidoso e intangível, a concepção de ambivalência nos conduz para a duplicidade ou simultaneidade, isto é, para a tensão

<sup>4</sup>Sobre uma definição de homofobia como uma defesa psíquica e social que visa afastar todo questionamento ou desestabilização de definições evidentes sobre a heteronormatividade, bem como um tipo de preconceito contra as pessoas que mostram ou a quem se imputam qualidades ou defeitos atribuídos ao outro gênero, engessando suas fronteiras, ver: WELZER-LANG, Daniel. *A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia*. Florianópolis, Revista Estudos Feministas. vol. 9 n° 2. 2001, p.460-482.

<sup>5</sup>Sobre uma definição de misoginia como uma atitude cultural que articula tanto a aversão como a noção de inferioridade sobre muitos aspectos comportamentais e simbólicos ligados ao feminino, sob a forma de um “sexist prejudice and ideology” cuja manifestação verbal é apenas a mais evidente, ver: JOHNSON, Allan G. *The Blackwell Dictionary of sociology: a user guide to sociological language*. Massachusetts, 2000.

entre o que prejudica/danifica e o que harmoniza, abrindo espaço para a conexão e vinculação, mesmo que de modo violento.

Assim, no contexto deste quadro de análise, entre o modo como os estudantes me explicaram o que seriam os nominativos “*encarnação*”, “*tiração de sarro*” e “*tirar com a cara*” (ou como eu compreendi tais termos) e a maneira de pensar estas definições prévias, a definição jurídica de injúria racial se apresentou de modo limitado para me auxiliar na compreensão do jeito próprio com que os envolvidos definiram os termos ofensivos. Estes nominativos servem para muita coisa entre os estudantes de ambas as escolas; servem tanto para enfatizar, dentro do contexto da brincadeira, de pilhéria, alguma propriedade, atributo ou ação individual positiva ou negativa, como para depreciar, intencionalmente ou não, uma característica ou ato que é ora positivo, ora negativo de cada um (a). A piada ambivalente da *encarnação* é cotidiana, é realizada em vários momentos; é comum, ritual e não ritual, como assinalamos antes, entre os estudantes. Ela parece absorver e esvaziar o caráter ofensivo, insultuoso dos termos raciais, que são, como balizei anteriormente, tomados como “*encarnações*”.

Os nominativos são percebidos como *brincadeiras*, sinônimos de “*tirada de sarro*”, formas lúdicas de explorar alguma caricatura grotescamente imputada a alguém, algum acontecimento ou qualquer outra coisa que se tem, que se fez ou que se faz individualmente, um ato ritual de ressaltar algo que é concebido como extratemporal, extralocal e extracotidiano, como um erro de pronúncia, uma paquera, um corte de cabelo ou vestimenta. Nessa exploração, abarcam-se também ações ofensivas e insultantes, humilhantes para quem recebe. Portanto, a prática de *encarnação* serve tanto para chamar de “*macaco*”, “*Azulão*” ou “*fabão pretão feio*” como para enfatizar, de forma enaltecedora, a calça nova de uma grife famosa do vestuário que uma estudante veste para ir à escola em um jogo de interação estudantil.

O estudante ofendido de “*Azulão*” foi assim designado por duas meninas e um menino. Breno disse que a ofensa contra ele perpetrada foi por causa da “*minha cor que é muito escura*”. Acho que o melhor caminho para tentar localizar o significado do termo “*Azulão*” veio de uma respondente do questionário aplicado no “*Madre*”. Quando escreveu sobre sua cor, a respondente que denomino disse que não era negra porque “*negro mesmo tem a cor da palma da mão azul*”. Já o estudante ofendido como “*Fabão feio*”, relatou-me que os meninos que o “*xingaram*” “*(...) encarnam em todo mundo na escola. Sempre ‘tão’ por aí*”.

**Alan:** *Aqui na sua escola existe xingamento entre os estudantes?*

**Breno:** *tem, tem às vezes...*

**Alan:** *como são os xingamentos?*

**Breno:** *ah, tem vários, de tudo o pessoal fala. Uma vez teve comigo. O pessoal que fica ali na escada me chamou de Fabão pretão feio...*

**Alan:** *porque Fabão?*

*Breno: por causa do jogador do São Paulo, aquele grandão... Ele disse que eu era da cor desse jogador aí.*

O que aproxima estas duas ofensas é a explicação referente ao significado: os dois estudantes “são ‘muito altão’ e tem a palma da mão roxa”, alusão feita por colegas de sala de aula durante a pesquisa de campo. Essa construção é muito similar ao processo de autoconhecimento do eu que se dá pelo olhar do outro, o conhecimento em terceira pessoa, em termos de inferiorização (FANON, 1983, p. 104). Ser “grandão e negro” é ser um “acusado em potencial” cuja suposição de força física é relacionada à agressividade e à violência como componentes de conduta individual<sup>6</sup>. É um autoconhecimento que se dá no enfrentamento dialético, em uma percepção do eu “como corpo no centro de um mundo espacial e temporal (...) atingido em vários pontos, cedendo lugar a um esquema epidérmico racial” (FANON, 1983, p. 105). Ou seja, a cor é significada ideologicamente.

Entendo que “encarnação” é facilmente absorvida entre os estudantes como piada, como uma baderna ritual que de modo burlesco expõem qualquer elemento do outro e de si mesmo ao grupo para ser tomado como objeto de riso, de “tiração de sarro”. A piada, sendo absorvida entre os grupos que a fazem como uma brincadeira que levanta a característica destacada pelo “encarnador” como um foco de motivo do riso, da “tiração”, se imiscui à própria “encarnação” como sendo “a mesma coisa, é igual à encarnação”. É essa ausência de delimitações, de distinções óbvias entre “piada” e “encarnação” que a ofensa aparece, muitas vezes, como brincadeira ritual. Por isso, posso dizer que “encarnação” se torna um jogo que serve para denominar e abarcar emicamamente ações de jocosidade e de chistes que também podem ser percebidos como micromecanismos de naturalização das trocas de insultos entre os entrevistados, com regras fluidas.

A “encarnação” pode ser um mecanismo eficiente na percepção de si de modo ambíguo. Isto é, embora retrucado, tem resultados distintos conforme a percepção de cada estudante, consoante o contexto no qual ocorre a alteração de ofensas – enquanto alguns estudantes absorvam a situação ofensiva de modo jocoso, a vergonha e a humilhação podem ser mais possíveis para quem recebe do que para quem envia, sobretudo quando estamos falando de emissores, ou seja, de grupos de estudantes que ofendem.

*Flávia: A gente tava aqui na frente e aí elas entraram aqui na escola. Tava uma galera aqui pra poder entrar e elas conseguiram*

*entrar com uns meninos que tavam com elas aí e aí elas gritaram: ‘ei cabelo de bucha de aço’ pra mim.*

*Alan: mas se tinha muita gente por que você tem certeza que foi pra você que elas disseram isso?*

*Flávia: ah, porque era eu que tava lá no portão que entra os carros dos professores e elas ficaram olhando pra mim antes delas entrarem... E também eu conheço elas porque elas moram lá naquele prédio [edifício] José Bonifácio... Eu moro lá no fim da São Cristovão e eu vejo elas lá. Eu já discuti com a menina, sem ser a que gritou, mas com a outra... Eu reclamei no dia pra M., a professora de literatura aqui da escola, mas ela disse que não dava pra fazer nada porque a secretaria tava fechada, e que era pra eu esperar segunda-feira, e não sei o que...”*

Salta aos olhos tanto a despreocupação por parte da docente que recebeu a queixa de Flávia como o explícito conteúdo racial do termo ofensivo destacado. Neste caso, a disjunção é clara, e a ideia de jogo, pressupondo réplica ou tréplica, mesmo que em outros momentos, não parece estar presente nesta situação. Em termos políticos, a injúria racial está presente. Em outra situação ofensiva, o conteúdo racial da ofensa surge em razão de um olhar também político, quando se articula a lembrança, via estereótipo sexual, de que o lugar da imagem branquidade como um lugar de privilégio atravessado por uma gama de outros eixos de imunidades e subordinações, uma zona de conforto, é um lugar de poder simbólico do qual se nomeia os outros, mas dificilmente é nomeado (FRANKENBERG, 2004; WARE, 2004; SOVIK, 2004, 2009; PIZA, 2000, 2007).

*Alan: Thais, você foi à diretoria da escola no começo desse ano pra fazer uma reclamação... Que você foi ofendida por colegas seus? Como é que foi isso, como foi essa situação?*

*Thais: Não, foi que eles me chamaram de safadinha. Eu não gostei e fui lá com a Eneida.*

*Alan: O que aconteceu depois com eles?*

*Thais: Nada! (risos) Eles nem tavam na escola mais, quando ela [diretora] foi lá atrás deles. Foi em abril até isso. Se eu não me engano parece que foi!”*

A estudante ofendida como “safada, surfistinha”<sup>7</sup>, Camila, não foi entrevistada. Apenas realizei uma conversa informal com ela, na qual relatou estes termos. Não quis se estender na conversa, muito menos realizar uma entrevista gravada. Mesmo que em algumas

<sup>6</sup>Carvalho (2004, p. 26) em uma pesquisa na qual estudou formas cotidianas de produção do fracasso escolar, escreve sobre esta associação direta entre violência e estudantes negros, “transformados em potenciais suspeitos de toda indisciplina” e aponta aspectos da cultura educacional como fontes importantes para a construção de estereótipos e discriminações de gênero e raça.

<sup>7</sup>Acredito que o termo “Surfistinha” está referido à Raquel Pacheco, nascida em Sorocaba, São Paulo, em 28/11/1984. Mais conhecida como “Bruna Surfistinha”, ela é uma ex-garota de programa que escreveu um livro chamado “O Doce Veneno do Escorpião”.

situações apareça o termo “*branquelo*” como reação a um insulto, a zona de conforto macrosocial de quem se denomina branco, possível por conta da neutralidade racial dessa classificação, possibilitada pela imagem da branquidade, não torna “*branquelo*” ofensivo como “*macaco*”: a marca de inferiorização e o incômodo psicossocial não acontece do mesmo modo naqueles que escutam os dois insultos. Mas o que se sugere é que branco é um cognome não assinalado, apenas lembrado na autodenominação do próprio sujeito por meio de outros marcadores simbólicos não controlados totalmente por ele (FRANKENBERG, p. 311). Por fim, o que deve incomodar é que, embora ofendidas por meio de termos sexualizantes, a branquidade é lembrada sim, mas sem ser nomeada como o é “moreno”, “preto”, “índio” ou “negro”.

De outro modo, pode se pensar a “*encarnação*” como um veículo que conduz o insulto verbal, na medida em que ele não é apenas a manifestação de uma opinião genérica sobre uma pessoa ou grupo em um plano interpessoal, presente em um contexto microsociológico. Ele é um comportamento que expressa implicações amplas para expectativas sobre posições e imagens sociais em um *framework* cultural mais amplo. Este comportamento pode manifestar cotidianamente expectativas comportamentais e significados culturais sobre pessoas e grupos por meio de interações encobertas, que se referem a vários tipos de sutis e não ditadas expressões de insulto, e abertas, expressas em manifestações verbais. (FLYNN, 1977, p. 07-08).

The microcosm of face-to-face interaction, including insult behavior, defines, supports and maintains the macrocosm of the sociocultural order. And how an individual or group decides to respond to an insult may also help determine the transformation of a sociocultural system (FLYNN, 1977, p. 03)<sup>8</sup>.

Assim, em um contexto social no qual o acesso restrito a serviços jurídicos resulta de uma frágil política de legitimação para a realização de denúncias formais sobre discriminação e violência contra mulheres, indígenas e negros (SOUZA, 2009), sugere-se que a “*encarnação*” entre estes estudantes pode ser, no limite, interpretada por eles por meio da percepção de uma relação legítima e tensa que não desrespeita as regras estabelecidas (HUIZINGA, 1971, p. 14), isto é, não obedece às regras da escola que, mesmo adotando medidas de punição, não evita que a prática ocorra. Ademais, “*tirar sarro*” se torna uma prática ambivalente porque ela não perde seu caráter discriminatório quando se expressa por meio da brincadeira e da ludicidade.

<sup>8</sup> O microcosmo da interação face a face, incluindo o comportamento de insulto, define, suporta e mantém o macrocosmo da ordem sociocultural. E como um indivíduo ou grupo decide responder a um insulto pode também ajudar a determinar a transformação de um sistema sociocultural (Trad. do Revisor).

Deste modo, o próximo caso aqui apresentado não remete a nenhuma ambivalência, tampouco ambiguidade, embora ainda no interior da metáfora local “*encarnação*”. Jorge definiu o ato como “*uma discriminação*”, “*um tipo de preconceito*”, que “*rola direto*” na escola dele. Jorge classificou um dos “ofensores” como “*moreno claro*” e o outro como “*índio*”. Ele se autoclassificou “*moreno escuro*”. Na entrevista, apontou vários insultos presentes nas falas dos dois “ofensores”:

**Alan:** *você já viu alguma briga aqui dentro da escola?*

**Jorge:** *já! Ano passado! Foi comigo até...*

**Alan:** *foi? E tu poderias dizer como foi, assim... Me falar como é que aconteceu essa briga?*

**Jorge:** *olha... Teve assim, é... Eu e um colega tava na brincadeira com dois meninos lá na frente da cantina, a gente ‘tava’ se encarnando, eles ‘tavam’ na maior assim, ela tava tirando ele, o menino lá... Aí a brincadeira começou a ficar pesada uma hora. Um deles disse pra mim e pra minha colega que preto se perde no escuro, que preto tem tinta na pele, que preto é isso, preto é aquilo... Ele até falou assim: se preto, se jogar pra cima e voar é **urubu**, se cair é merda, e... Se correr é ladrão e... Se ‘fica’ no poste [de energia elétrica] é **macaco** e se ‘fica’ parado é suspeito... Aí eu disse que ele era um ‘veado encubado’ e ela uma “putinha” (risos)... Aí ele me deu um tapão que até sangrou até, eu tenho até uma marca aqui na testa... Ai o guarda levou eu e ele lá pra diretoria pra falar com a E. M. e ela me levou lá com a D. R. Ele foi suspenso uma semana. Ele saiu da escola até (grifos meus).*

Jorge disse que no início de 2009, depois deste acontecimento, nas primeiras semanas de aulas, estava conversando com uma colega na frente da escola, no pátio de entrada. Um estudante que seria namorado da jovem que conversava com Jorge se aproximou da jovem e lhe perguntou por que “*tava dando papo pra esse Macaco*”. Jorge disse que foi ameaçado de “*levar um tiro*” por este estudante. Naquela circunstância, logo entrou na escola e delatou a situação à coordenadora. Os epítetos ofensivos presentes na citação acima, um palavreado anedótico e ofensivo, parecem ser recorrentes, seja como “*encarnação*”, seja como ofensa direta, “*não ritual*”.

Segundo o porteiro que viu a situação, eles estavam “*encarnando*” um no outro, pois Jorge parece ter reagido, chamando o ofensor de “*ladrão safado*”. “*Esse menino aí tá até roendo grade*”, assim se referiu o porteiro a um dos estudantes “ofensores”, querendo dizer que ele estava detido na Delegacia do bairro do Guamá.

**Alan:** *você disse que foi suspenso porque uma menina te ‘caguetou’, certo?*

**Jorge:** *Sim, ela é lá da 202.*

*Alan: E como foi a situação, o que aconteceu pra ela te “caguetar”, você pode dizer pra mim? Dizer como foi, o que aconteceu, porque ela te denunciou na coordenação?*

*Jorge: Não! É que ela levou a sério uma brincadeira da gente, que eu tava, tava toda a galera na sacanagem assim, todo mundo tava na sacanagem... Tava um... Não,... Três colegas nossos, eu, ela e umas meninas da manhã, que vieram fazer educação física. E ela ficou falando ai, com todo mundo e ela tava tirando uma menina que tava com a gente, eu, todo mundo tava na brincadeira, não era só ela e eu. Ela disse que a menina era ‘baixinha’, me chamou de cabeça ela. Ai, é... Eu encarnei ela, né (risos). Porque é normal aqui, a gente ficar tirando um com o outro na saída da aula.*

Nesta perspectiva, podemos olhar a “encarnação” apenas pelo viés ofensivo se concordarmos que insultos verbais como manifestações sociais são parte da linguagem e podem ser definidos como “uma parte da cultura, não como uma coisa em si própria” (LEACH, 1983, p. 170). Nesta abordagem, os insultos são transgressões de tabus e expressões de nomes, ações ou acenos socialmente proibidos que se referem ao *contíguo* (perto de si) ou *longínquo* (longe de si) de quem emana o insulto, sejam pessoas, animais ou fatos corpóreos, cujo resultado “(...) é um fenômeno social específico que afeta tanto o ator quanto seus ouvintes de um modo bastante previsível” (p. 173). O tabu é simultaneamente comportamental e linguístico, social e psicológico. Quebrar o tabu pelo insulto é quebrar regras, é afetar valores e códigos morais.

Por conta disto (a quebra de um tabu ou regra do grupo), os ultrajes raciais trocados entre os estudantes entrevistados são moralmente fortes o suficiente para agredir e humilhar, tanto para quem escuta, quanto para quem fala, mesmo que isto não implique registrar que esta quebra de um tabu é também oficial e legal. De todo modo, ofender é também um ato classificatório; classifica-se e se identifica quando se insulta alguém. Mas o que essa perspectiva teórica assinala é que ofensas adquirem esse potencial porque estão em constante remissão a ideologias raciais presentes entre os grupos sociais. Parece que aos diferentes grupos de estudantes de cada escola, com seus contextos particulares, existem correspondências de ideologias similares, marcadoras de diferentes experiências escolares. Assim, o insulto como prática discriminatória se reforça mutuamente com estereótipos (HASENBALG, 2009, p. 260). A ação de enunciar insultos raciais uns para os outros e a prática de classificar a si mesmos e aos outros a partir da categoria cor são acontecimentos que precisam ser verificados em termos de sua presença cotidiana em cada escola, com particularidades, mas remetidas ao contexto. São atos recorrentes, diários. São também ações reentrantes, recursivas.

Todavia, ao adotar a leitura da ambivalência, devo explicitar que esta escolha advém da necessidade de

defender a tese de que realizar uma distinção metodologicamente indubitável entre o que se percebe como jocoso, “encarnação”, ofensivamente ritual ou chistoso diante do que se considera como ofensivamente racial, racista ou não racista é um procedimento que desconsidera as fronteiras tênues entre os dois campos.

Esta operação é um exercício delicado, pois o que em um dado momento pode ser percebido como burlesco, lúdico, pode em outras ocasiões, entre os mesmos sujeitos, ser classificado como racialmente ofensivo, pode ser alocado, dependendo do “como se fala, com quem se fala e de quem fala”, em uma das situações ou em ambas, apesar de saber que o contexto e o momento no qual as ações e as interações face a face ocorrem é fundamental para perceber tais eventos. Estas interações dizem respeito a uma *forma lúdica da socição* (SIMMEL, 1983, p. 169), isto é, refere-se à sociabilidade como uma maneira de interação na qual os participantes se mostram a um só tempo interessados e descomprometidos, autonomizando suas atuações no sentido de evitar qualquer demonstração de um interesse objetivo nos assuntos tratados.

Nesse sentido, podemos cotejar a noção de sociabilidade de Simmel, referente à perspectiva de jogo<sup>9</sup> a ela atinente, à outra definição de *jogo*, esta, por sua vez, apresentada por Huizinga (2008), como uma “[...] atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias [...] acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria” (HUIZINGA, 2008, p. 33) As duas noções não se equivalem nos mínimos detalhes, mas, guardadas as diferenças, um paralelo entre elas permite pensar a “encarnação” como um tipo de sociabilidade, um “jogo da vida social”, um momento lúdico, de prazer. Mas a “encarnação” entre os estudantes, e “jogo” adiciona o assimétrico, o subordinador, o desigual, e por isso, torna-se sério. Por isto, sociabilidade entre os estudantes também implica conflito, mesmo que ele objetive o consenso, que se instaura de modo tácito, titubeante, hierarquizado. Essa sociabilidade pode por vezes derivar para formas bastante agressivas de interação – que trafegam no estreito limite do que possa ser chamado de “brincadeira”, na modalidade de interação que Radcliffe-Brown (1974) denominou de “relações jocosas”:

Uma peculiar combinação de amizade e antagonismo. O comportamento é tal que em qualquer outro contexto social ele expressaria e geraria hostilidade; mas tal atitude não é a sério e não deve ser levada a sério. Há uma pretensão de hostilidade e uma real amizade. Posto de outro modo é uma relação de

<sup>9</sup>Para Simmel, são as forças reais, as necessidades e impulsos concretos da vida social que produzem formas de comportamento ajustadas ao jogo. Enquanto processo autônomo, os envolvidos buscam retirar do jogo sua gravidade. “É isto que dá ao jogo tanto a sua jocosidade quanto seu sentido simbólico, através do qual se diferencia da mera brincadeira” (p. 167-168).

desrespeito consentido. (RADCLIFFE-BROWN, 1974 p. 91).

É o sincronismo dessa prática que quero destacar para explicar que as três tipologias de insultos, às vezes, se comunicam umas com as outras, duplicando-se, entrecruzando-se. Por isso que esse “desrespeito consentido” pode se duplicar, por um lado, em termos de paródia, chiste, mangação, estúrdia, caçoada, pândega, estroinice ou troça, abarcados pela ideia de brincadeira; e, por outro lado, em insulto, agressão, injúria, ultraje, afronta, humilhação, vexame, englobados pela ideia de ofensa verbal, que viabiliza um tipo de sociabilidade dentro de um jogo ambivalente, jocoso<sup>10</sup> e ofensivo da encarnação que apresento neste artigo. É na duplicidade, na ambivalência de sua acepção ofensiva que a “*encarnação*” é ofensora e burlesca; é cômica ao mesmo tempo em que inscreve no sujeito estereótipos fixadores do que FANON (2009, p. 83) chamou de *epidermização da inferioridade*, processo que transforma o corpo em apenas suporte de identificação e de interiorização de hierarquias históricas. Pode ser lida, por isso, como uma ambivalência.

## 2. “Marcadores de ofensividade”: identidades ambivalentes

Esta tese de uma ofensa ambivalente se reforça quando notamos que o esquema relacional *ofensor x ofendido* está atrelado às construções de identidades também ambivalentes. Isto é, uma ofensa é um processo insultuoso, que pode servir para humilhar e explorar estereótipos sobre os outros. Mas é, também, um processo dinâmico que aciona e é acionado por ideologias raciais<sup>11</sup> e por marcadores de diferença e de diferenciação como gênero e orientação sexual. Tais marcadores, de algum modo, são tomados pelos sujeitos para referendar o que podemos chamar de *experiência identitária*. Isto estimula a construção de imagens visuais simultâneas à edificação de práticas de poder. Tais práticas, por sua vez, fazem-se na percepção social de individualidades (BRAH, 2006).

Uma “identidade” particular ganha forma na prática política a partir da *relacionalidade fragmentária* da subjetividade e se dissolve para surgir como um traço em outra formação de identidade. (...) o sujeito pode ser o efeito de discursos, instituições e práticas, mas a qualquer momento o sujeito-em-processo experimenta a si mesmo como o “eu”, e tanto consciente como inconscientemente

desempenha novamente posições em que está situado e investido, e novamente lhes dá significado. (BRAH, 2006, p. 373-374).

Para Brah (2006), pensar em identidade é pensar em diferenciação e, portanto, em *identificação*, apenas processualmente, que se apreende intelectualmente enquanto se realiza politicamente na prática cotidiana, tornando-se um dado empírico político. Assim, o visual é político e pode se construir como uma formação discursiva que é um lugar de poder constituído em “performances visuais”. Isto é, discursos de diferença são contingentes, de modo que desigualdades e igualitarismos são discursos de diferença.

Já para Bhabha (2007), pensar em identidade é pensar em uma articulação complexa, interseccionalizada e multidisciplinar que pretende problematizar uma noção unitária de sujeitos como “sobredeterminações” vindas “de fora” (BHABHA, 2007, p. 74). Assim, a identificação para este autor advém de uma abordagem filosófica amplamente inspirada na também profunda e difícil reflexão política de Frantz Fanon sobre os mitos do homem e da sociedade que são minados pela situação colonial, bifurcada, *ambivalente*, dentro de um *sistema de diferenciação* que vê o outro como a negação necessária de identidades primordiais (BHABHA, 2007, p.86).

A identificação ambivalente do mundo racista [...] gira em torno da ideia do homem como sua imagem alienada; não o Eu e o Outro, mas a alteridade do Eu inscrita no palimpsesto perverso da identidade colonial. E é aquela figura bizarra do desejo, que se fende ao longo do eixo em torno do qual gira, que compele Fanon a fazer a pergunta psicanalítica do desejo do sujeito à condição histórica do homem colonial (BHABHA, 2007, p. 75).

Assim, é possível pensarmos em diferenciação e identificação entre um conjunto de estudantes a partir do modo como eles vivem a alteridade por meio da *encarnação* através de epítetos insultuosos, mas que também são jocosos e zombarias (brincadeira). Por isso, se postularmos a existência simultânea dos dois elementos neste jogo de troça e de poder como um *processo de identificação*<sup>12</sup>, a “*encarnação*” pode ser um processo identitário no qual se *ofende* e se *brinca* que é assim percebida enquanto é feita.

*Larissa: não foi ano passado, foi em março desse ano mesmo, que eu tava lá na quadra, aí eu mexi com um deles, assim, a brincadeira só, na aula de educação física e aí dois meninos lá do convênio passaram do outro lado da quadra e falaram “ei negona lisa, cabelo ruim” e*

<sup>10</sup>A jocosidade tem em sua origem etimológica os termos em latim *jocus*, *jocari*, que significam tanto *jogo*, como *troça*, *gracejo* (HUIZINGA, 2008, p. 41).

<sup>11</sup>Cor como uma categoria de classificação nativa informada pela ideia de raça, presente sob a forma de uma ideologia racial, mesmo que não enunciada e explícita. Tal ideologia atua na atribuição de significado para a identificação de cor dos sujeitos, dentro dos grupos de cor. “Isto é, as pessoas têm cor apenas no interior de ideologias raciais” (GUIMARÃES, 1999, p. 47)

<sup>12</sup>O processo de identificação se dá diante de três condições: a) a existência de um registro do eu, de um lugar simbólico diante de uma alteridade que b) se constrói em um espaço de cisão, dentro de um uso ambivalente da diferença; d) a identidade nunca é pré-dada, nunca uma profecia autocumprida, uma demanda da identificação, isto é, ser *para* um outro (BHABHA, 2007, p. 76-77).

ficaram dizendo um pro outro negona ruim é tu, não é tu assim sabe um pra o outro, pra disfarçar, mas eu sei que era pra mim e eu fiquei olhando eles e eles olhavam pra mim e ficavam falando, então eu disse perguntei pra eles se era pra mim, aí o outro disse 'Te incomoda por acaso?' Aí eu disse que sim porque eu era a única negra lá na quadra e aí eu vim dizer pra irmã e eles disseram que não fizeram nada e aí a irmã chamou a mãe deles. Eles, aí, depois que eu vi eles outra vez, eles ficaram jogando 'chaveco'<sup>13</sup> pra mim, mas eu não tenho nem contato com eles. Eles moram perto de casa lá, até.

**Alan:** como você define o que os seus colegas fizeram pra você?

**Larissa:** Ah, bem, eles "tavam" é perturbando minha cabeça, queriam me tirar do sério porque sou muito na minha e não dou bola pra esses meninos daqui. É um pardo e um "branquelo". Uma coisa é encarnar outra coisa é falar da cor das pessoas que não tem que nada que ver com brincadeira isso.

**Alan:** o que você falou quando mexeu com eles?

**Larissa:** (risos) Ah, eu falei: ei monstro, cara de monstro... Mas foi na brincadeira só, eles falaram da minha cor né, é diferente.

Vale ressaltar que Larissa se refere a um dos "ofensores" como "branquelo", usado em tom ofensivo. Além disso, ela menciona ter "mexido" com os colegas ofensores. Pode-se suspeitar que a nomeação "branquelo" (dita por ela duas vezes em outros momentos da entrevista) seja uma terminologia que ofende sim, mas sem o potencial de agressão negativa sobre alguém. Todavia, a ausência deste potencial não faz do termo "branquelo" um vocábulo ofensivo. O termo "Liso", que está presente na ofensa é uma gíria que se refere à pobreza. "Negrura", pobreza e "ruindade" são "adjuntados" na "negona" para compor um arsenal de epítetos identificatórios difíceis de separar para explicar um possível significado profundo, que é, sobretudo, domínio de quem falou ou de quem escutou. No "Madre", a marcação de diferenciação é dita em um tom burlesco. Na entrevista com um dos estudantes "ofensores", o tom de brincadeira é ressaltado. Para ele, os termos foram ditos como "encarnação" e, por isso, não intencionavam ofender.

**Alan:** Antônio, e como foi aquela situação com a sua colega Larissa, que reclamou na diretoria que você a ofendeu, que você xingou ela? Como foi?

**Antônio:** Ah, foi. Mas foi brincadeira. Não foi sério. A gente fica tirando um com outro aqui. Ela que foi lá caguetar. Mas ela me xingou também. Aí eu falei pra ela, respondi né, na sacanagem só!

**Alan:** Eu queria saber o seguinte, você tava sozinho no dia?

**Antônio:** Eu tava com uma colega. Mas ele não foi suspenso, só eu fui.

**Alan:** E vocês se falam? Depois que ela foi à diretoria?

**Antônio:** Não... Às vezes só! Mas faz tempo isso, foi ano passado isso aí!

Se este "ofender" de Antônio for tomado como identificação, podemos pensá-lo, a partir de Bhabha, como um processo que nunca é um *a priori*, tampouco um produto acabado, mas um mecanismo, um meio e não uma consequência. Ele é um processo problemático que acessa imagens de totalidades (são pontos de identificação), e que marcam o lugar de uma ambivalência. Como representação, esta imagem é fendida e temporalmente adiada, uma representação do que está ausente, por meio de repetições.

A Imagem é apenas e sempre um acessório da autoridade e da identidade; ela não deve nunca ser lida mimeticamente como a aparência de uma realidade. O acesso à imagem da identidade só é possível na negação de qualquer ideia de originalidade ou plenitude; o processo de deslocamento e diferenciação (ausência/presença, representação/repetição) torna-a uma realidade liminar (BHABHA, 2007, p. 85-86).

Todavia, devo salientar que o mais exato a se usar em termos de descrição mais próxima das práticas por mim observadas, para além do que me foi dito pelos estudantes, seriam as expressões compostas "ofendidos/ofensores" e "ofensores/ofendidos", visto que, na troca de insultos, o ofendido ou a ofendida que registra a ofensa junto à diretoria de sua escola, delatando um ato de *desrespeito* ou *xingamento*, "encarnação" ou "tiração de sarro" contra ele ou ela, também perpetrou insultos – ou "encarnações" – antes, depois e durante a realização do insulto recebido e denunciado.

É à dimensão do conflito que o termo sociabilidade faz referência que pode destacar nesse caso o seu aspecto de *sociação* da equação outro - eu, eu - outro, dentro de um conflito latente. É um conflito que busca consenso, sem alcançá-lo de modo simétrico. Instala-se nessa troca de ditos ofensivos a subordinação: quem encarna mais é *mais*, porque todos encarnam. Encarnar em grupo é estar sobre aquele que é ofendido individualmente.

Desse modo, no lúdico, encarnar e ser encarnado, a enunciação de epítetos ofensivos se prende a um *vai e volta* da encarnação. Quem encarna sabe que pode receber uma encarnação de volta. Mas quando se sai da troca – porque ele ofendeu uma das partes – por meio de uma

<sup>13</sup>Refere-se a mensagens indiretas e implícitas emitidas de modo jocoso sem deixar evidente para quem se quer enviar a mensagem. Jogar *chaveco* é dizer qualquer coisa a alguém sem delimitar categoricamente quem é o receptor do chaveco, embora se saiba quem é, implicitamente, o alvo da mensagem.



delação a um ente externo e *superior* aos participantes (ou o coordenador, ou a diretora), o “delator” perde; ele é acusado por meio de termos que denotam a sua fraqueza diante dos outros colegas e dos principais jogadores, é um “desmancha-prazeres”, pois dilui as fronteiras arbitrárias da altercação (HUIZINGA, 1971, p. 15). O delator passa a ser um “cagueta”<sup>14</sup>, “perde” para os outros “encarnadores” quando procura a diretoria da escola. O que está em questão é participar da troca, alternando o papel de ofensor.

Esta prática de ofender e brincar é notavelmente exercida de modo mais cíclico entre os meninos. Entre os supostos “ofensores”, 16 deles são homens, o dobro de mulheres. Encarnar, assumir a posição de *tirador de sarro* é um papel exercido mais pelos meninos, viabilizando dentro da escola exercícios de socialização dentro de regras hierárquicas que modelam a busca e a manutenção da virilidade, do ser homem, para ser forte. Ser “chato”, “atentado”, “engraçado”, “encarnador” é viabilizar esta conduta, na qual se autoriza dizer ao outro, de modo truculento, o que ele é para quem fala sem a resposta do outro.

Na ofensa destacada abaixo, há outra dimensão da altercação: a intersecção de aspectos raciais e sexuais em dois epítetos insultuosos que se localizam no interstício simbólico do que é jocoso, insultuoso e pornográfico. Na ofensa perpetrada contra Mariana, a referência à felação que o termo “*chupar*” denota e a precedente expressão “*pretchoca*”, termo usado de modo acentuadamente sexualizado entre os estudantes – a “*pretchoca*” equivale ao estereótipo “Raimunda”, “feia de cara e boa de bunda” –, são componentes de uma díade ofensora que remete a estereótipos raciais e sexuais, situados, sobretudo, no campo do feminino.

**Mariana:** *Ah, (risos) foi em março, na segunda semana eu acho até, eles tavam me perturbando, eu disse isso lá pra diretoria. Mas um deles, não vi quem foi, porque eu tava aqui na sala e eles aí fora, eu tava esperando uma colega minha sair lá do 205.*

**Alan:** *O que eles disseram pra ti?*

**Mariana:** *Olha, eles disseram, porque foi um deles, porque tinham duas meninas e dois meninos, mas tava outra menina mas na hora que eu saí pra ver tava só elas duas e eles dois. Eles vivem aqui na grade só atrapalhando a aula, mexendo com o pessoal. Aí um deles, eu acho que foi um deles, falou aqui pelo buraco da parede: ‘égua da pretchoca chupona de pica’ pra mim, aí eu fui sair eles saíram correndo.*

Mariana disse que o ato foi perpetrado por um grupo que “*vivem mexendo com o pessoal*”, mas que “*são engraçados*”. Classificou uma das estudantes como

“*branca*” e outra como “*morena*” e fez a mesma classificação para os outros dois estudantes. É nessa ambivalência ativa (ambígua também) que os “*grupos de tiradores de sarro*” ou “*grupos de encarnadores*” conseguem se manter bem cotados na fronteira entre o entretenimento que oferecem aos vários estudantes que riem de quem é encarnado por meio da “*tiração*” burlesca, e a capacidade de ofender, de estrategicamente “*encarnar insultando*”, ao mesmo tempo que brinca, com a característica apontada.

**Alan:** *Raquel, você poderia me falar sobre como foi aquela situação com a sua colega Mariana? Parece que ela reclamou na diretoria que você e outros colegas ofenderam ela, parece, foi isso, né? Pode me falar um pouquinho sobre isso?*

**Raquel:** *Olha... (risos) é porque é o seguinte: é que um colega meu tava encarnando ela, aí, porque ela chamou ele de bicha feia. Aí ele respondeu e a gente falou também. Mas foi ele que falou aquele negócio lá que ela disse na diretoria. Mas a gente só riu só. A Mariana fala normal com a gente. A Coordenadora nem fez nada até. A gente é colega dela.*

Assim, a encarnação esconde o potencial discursivo da discriminação, que também está lá. Reforça estereótipos raciais e sexuais que se coadunam e se imiscuem um no outro, sem especificações. O ser mulher, nesse caso, recebe a intersecção de “*modo ideal*” das contendas sexuais e raciais: não registrei o anúncio de um “*negão chupão de pica*” ou “*preto que dá o cu*” nas conversas informais, nem nas observações do “*funcionamento*” dos grupos de *tiração de sarro*, durante minhas incursões à escola.

Homi K. Bhabha, ao assinalar em tom introdutório essa ambivalência da discriminação e do estereótipo quando eles acontecem discursivamente, aponta a partir deles uma enorme capacidade de pintar imagens negativas e de fixar diferenças imutáveis (BHABHA, 2007, p. 75). Nesse jogo, as regras ambivalentes da encarnação estimulam a enunciação de insultos raciais (e os não raciais) de modo categórico e explícito, na medida em que estão sempre situados estrategicamente no plano da jocosidade, da anedota e do lúdico, mesclada ao pilhérico, de onde não se sai com facilidade. A “*encarnação*” é fluida, mas possibilita o “*ofender*”, pois está mais na arena da ambivalência do que no da ambiguidade. Isto é, arregimentam consigo a duplicidade de ser ludicidade e ser discriminadora, manifestando preconceitos.

O que essa referência ao intercruzamento entre o racial e o sexual quer destacar é que o a mulher ofendida, neste caso, Mariana, recebe na ofensa racial lançada para ela um insulto sexual que parece ser inseparável do primeiro. Isto é, ofender racialmente a estudante é simultaneamente ofendê-la sexualmente, marcando a subordinação do feminino. Desse modo, ofender uma colega de escola, *uma mulher*, com cognomes raciais, entre os estudantes, é registrar um adjutório sexual agressivo e humilhante ao racial que são inseparáveis,

<sup>14</sup> Delator, denunciante, equivale a X9, um tipo de traidor, deduro do grupo.

elementos concomitantes e interligados. O feminino é interpenetrado ao racial. No caso abaixo, de Renata, esta relação também está presente:

**Alan:** *Você gosta da escola?*

**Renata:** *Gosto, é muito bom aqui, é a melhor escola daqui mesmo.*

**Alan:** *Como é a sua relação com os teus colegas de escola, de sala de aula e com os professores?*

**Renata:** *Olha... Eu tenho uma boa relação, os professores são muito bons, muito exigentes, é muito reforçado o ensino daqui... Eu só não gosto de uns meninos da sala que ficam mexendo comigo... Eu não gosto que eles fiquem assim sabe? Dando em cima, sabe, é chato... Uma vez um menino disse assim: ela é **pretinha, mas é bundudinha**. Eles são muito depravados (risos). Tipo, eles olham na cara de pau pra mim, pro meu corpo (risos). Ficam me elogiando, e aí as meninas ficam com despeito, se cortando.*

A oposição *mas* presente na expressão ofensiva destacada torna-se pertinente quando essa imagem de “bonita”, com a identificação “preta” – que é um apelido de família, conhecido por colegas entre os quais a identificação se tornou conhecida na turma de Renata – associa-se a esta *beleza*. A afirmação de beleza estética que é positivamente moldada de modo estereotipado, contrastada pelo “mas” da ofensa, se baseia em uma simples afirmação: “o corpo”. Já no caso abaixo, cujo ofendido foi um estudante do “Madre”, o epíteto “bicha” se associa a outro termo: “estivador”.

**Alan:** *Você disse que foi ofendido, como foi essa situação?*

**Hélio:** *Bom... Foi na saída de aula, umas duas horas. Eles tavam aí na frente com umas meninas daqui. Eles moram ali na [rua] Castelo [branco].*

**Alan:** *O que eles disseram pra ti?*

**Hélio:** *Me xingaram de viado fudido, um falou isso, o maior disse, e aí, e... O outro gritou de lá da frente da Igreja: ‘eita da **bicha estivadora!**’.*

**Alan:** *O que você fez quando isso aconteceu?*

**Hélio:** *Nada ora! O que é que eu ia fazer?. (grifos meus)*

**Alan:** *Você já ofendeu ou ‘encarnou’?*

**Hélio:** *Encarnei, já (risos), mas não é ofensa, é mais brincadeira, não é o mesmo, eles ofenderam né, eu, me ofendi... Encarnação não ofende... Depende... (risos). Depende do que a pessoa te fala entendeu? sabe...”*

O que vale destacar é que “estivador”, cujos elementos mais conhecidos do senso-comum (macho, viril, negro ou mestiço, forte fisicamente), refere-se a uma confluência de marcações estereotipadas que também

compõem a ofensa contra ele praticada. “*Bicha estivadora*” é uma marcação de múltiplas identificações em termos pejorativos. Além da indagação final e da explicitação do caráter relacional da definição de ofensa, o que chama a atenção também é a possibilidade de exemplificar, por meio da segunda ofensa, aquela interseccionalidade da diferença sobre a qual Avtah Brah (2006) discorre de modo muito claro. Ao demonstrar as quatro possibilidades semânticas da diferença – como experiência, como relação social, como subjetividade e como identidade – a autora assinala como elas se articulam na identidade em mudança:

A subjetividade – o lugar do processo de dar sentido a nossas relações com o mundo – é a modalidade em que a natureza precária e contraditória do sujeito-em-processo ganha significado ou é experimentada como identidade. As identidades são marcadas pela multiplicidade de posições de sujeito que constituem o sujeito. Portanto, a identidade não é fixa nem singular; ela é uma multiplicidade relacional em constante mudança (BRAH, 2006, p. 371).

Desse modo, para além de uma lógica de ação-reação, de ofensa *versus* contraofensa, é possível apontar neste contexto a elaboração de Agência de Homi K. Bhabha. O retorno do sujeito, mesmo que como ato contingente, embora conjuntivo e relacional, como Agência, é uma maneira de perceber a ação social como uma possibilidade de cisão e reflexão de atos e posições individuais para além da resistência história. Ou seja, sem se preocupar em ser acusado como “*cagueta*”, “*amamãezado*” (que equivale, entre os estudantes, a mimado, protegido pela mãe, fraco, medroso, covarde) e continuar, depois disso, respondendo às ofensas em determinado momento e, até mesmo, sendo o ofensor em outras situações, os estudantes ofendidos jogaram o jogo de estar na escola: não saíram do jogo, trouxeram novas regras e maneiras de jogá-lo. Isto é, agora, há um limite a partir do qual a brincadeira não encobre a intencionalidade propriamente ofensiva e hierarquizante de quem envia o insulto. Ou seja, mesmo que ele funcione de modo ambivalente, mobilizando simultaneamente a instituição de uma hierarquia sob um código lúdico-jocoso da brincadeira, a ofensa racial é denunciada como ofensa porque é racial, porque causou algum incômodo moral, algum dano percebido pelo denunciante.

Em outras palavras, o ato de denunciar denota o dinamismo da mudança de condutas nas duas escolas, pois, mesmo que muitas vezes ineficiente, ela pode ser uma Agência que não recusa o intersubjetivo (“*encarnar*” e ser “*encarnado*”), mas não retira a gravidade política de alguns termos (“*ofender é uma coisa séria*”). A Agência acontece nas articulações do estar-junto humano, relacionada à discriminação e a diferença cultural, sendo uma interrogação liminar destes dois elementos (BHABHA, 2007, p. 265), reagindo ao que incomoda ao agir. Por isso, temos insultos que não causam somente reações ou resistência. O que há são ações pensadas em si

mesmas, *diante* de outras ações. Em outros termos, se as regras não mudaram – frágil poder político de reconhecimento social que atribua legitimidade na realização de denúncias formais contra atos discriminatórios na escola –, as regras de conduta e comportamento em uma leitura sociológica se

modificaram: mesmo que os denunciadores não deixem de trocar ultrajes verbais, eles passaram a delinear um limite a partir do qual há sim desrespeito moral, aferido pela ocorrência de denúncias que são percebidas como raciais e, portanto, discriminatórias.

### Referências

- BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: editora UFMG, 2007.
- BRAH, Avtar. *Diferença, diversidade e diferenciação*. Campinas. In: *Cadernos Pagu*, nº 26, p. 329-376, 2006.
- CARVALHO, Marília P. O Fracasso Escolar de Meninos e Meninas: Articulações entre Gênero e Cor/Raça. Campinas. In: *Cadernos Pagu*, nº 22, p. 247-290, 2004.
- CONNEL, R W. Políticas da Masculinidade. In: *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, nº 2, Julho-Dezembro, p. 185-206, 1995.
- FLYNN, Charles. *Insult and Society: patterns of comparative interaction*. Port Washington, N.Y., Kennikat Press. 1977.
- FANON, Frantz. *Peles Negras, Máscaras Brancas*. Rio de Janeiro. Ed. Fator, 1983
- FRANKENBERG, Ruth. A miragem de uma branquidade não marcada. In: *Branquidade: identidade branca e multiculturalismo*. (Org.): WARE, Vron. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- GUIMARÃES, Antônio S. *Racismo e Anti-racismo no Brasil*. São Paulo, Editora 34, 1999.
- \_\_\_\_\_. *O insulto racial: as ofensas verbais registradas em queixas de discriminação*. Estudos. Afro-asiáticos. n.38, Rio de Janeiro, dez. 2000.
- \_\_\_\_\_. O Mito Anverso: o insulto racial. In: \_\_\_\_\_ *Classes, Raças e Democracia*. São Paulo, Editora 34. 2002.
- HASENBALG, Carlos. *Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil*. 2. ed. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2009.
- HUIZINGA, J. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- JOHNSON, Allan G. *The Blackwell Dictionary of sociology: a user's guide to sociological language*. Massachusetts, 2000.
- LEACH, Edmund. Aspectos Antropológicos da Linguagem: categorias animais e insulto verbal. In: DAMATTA, Roberto (org.). *Edmund Leach*. São Paulo: Ática, p. 170-198, 1983.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O Pensamento Selvagem*. São Paulo: Nacional, 1976.
- PIZA, Edith. Branco no Brasil? Ninguém Sabe, Ninguém Viu. In: GUIMARÃES, Antônio S. A. & Linn Huntley (Orgs.). *Tirando a Máscara: ensaios sobre o Racismo no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, p. 97-126. 2000.
- \_\_\_\_\_. Porta de Vidro: entrada para a Branquidade. In: BENTO, M. A. S. & CARONE, Iray. (Orgs.). *Psicologia Social do Racismo*. Petrópolis: Editora Vozes, p. 59-90, 2007.
- RADCLIFFE-BROWN, E. *Estrutura e Função na Sociedade Primitiva*. Vozes, Rio de Janeiro: 1974.
- SIMMEL, George. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, Evaristo de; SIMMEL, George (Orgs.). *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.
- SOUZA, Luanna T. “Será que isso vai pra frente doutora”: caminhos para a interpretação da lei Maria da Penha em Belém, Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Direitos Humanos, Universidade Federal do Pará, 2009.
- SOMMER, Luis Henrique. A ordem do discurso escolar. In: *Revista Brasileira de Educação*, v.12 n.34 Rio de Janeiro jan./abr. 2007.
- SOVIK, Liv. Aqui ninguém é branco: hegemonia branca e média no Brasil. In: WARE, Yvon (org.). *Branquidade: identidade branca e multiculturalismo*. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2004. p. 363-386.
- \_\_\_\_\_. *Aqui Ninguém é Branco*. Rio de Janeiro. Aeroplano, 2009.
- WELZER-LANG, Daniel. *A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia*. Florianópolis: Revista Estudos Feministas. vol. 9 nº 2, p.460-482, 2001.

### Sobre o autor:

**Alan Augusto Moraes Ribeiro.**

[alanaugustoribeiro@usp.br](mailto:alanaugustoribeiro@usp.br) / [alanaugustoribeiro@yahoo.com.br](mailto:alanaugustoribeiro@yahoo.com.br).

Doutorando em Sociologia da Educação na Universidade de São Paulo (USP).

Mestre em Ciências Sociais (Antropologia) pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

**Recebido em:** 25.01.2013

**Aceito para publicação em:** 26.02.2013